

Espetáculo corpo: uma possibilidade para compreender a corporeidade

*Tatiana Passos Zylberberg**

*Fabrcio Leomar Lima Bezerra***

*Klertianny Teixeira do Carmo****

*Alexandra Régia Nobre Monteiro Nunes*****

*Daniela Lima Chagas******

*Kássia Mitally da Costa Carvalho******

Resumo

Este artigo tem o intuito de apresentar um diálogo da corporeidade no processo de formação e aprendizagem dos estudantes de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo como pressuposto teórico balizador os estudos da Fenomenologia de Merleau-Ponty cuja possibilidade de diálogo foi construída a partir da construção de um espetáculo: O Espetáculo Corpo. Inicialmente, numa breve introdução, falaremos do percurso que trilharemos ao longo do texto. Em seguida, com base principalmente nos estudos fenomenológicos de Merleau-Ponty, construiremos a base teórica do artigo. Num terceiro momento falaremos do Espetáculo Corpo, explanando sobre processo de criação das suas cinco edições, dialogando com depoimentos de estudantes que passaram por esse processo. Para coletar esses depoimentos foi feita uma pesquisa qualitativa exploratória, convidando as pessoas que desejassem fazer parte do trabalho a responder a seguinte pergunta geradora: Como o Espetáculo Corpo contribuiu na sua formação como professor(a) e na sua compreensão sobre a Corporeidade? No tópico final dialogaremos com depoimentos gerais sobre o Espetáculo em consonância com os estudos da corporeidade, vislumbrando desdobramentos para a formação em Educação Física.

Palavras-chave: Corpo. Aprendizagem. Educação Física.

* Doutora em Educação Física/UNICAMP. tatianapassoszylberberg@gmail.com

** Licenciado em Educação Física pela UFC. fabrcio_leomar@hotmail.com

*** Licenciada em Educação Física pela UFC. Bolsista PID/IEFES/UFC. klertianny@gmail.com

**** Licenciada em Educação Física pela UFC. kassiamitalli@gmail.com

***** Graduanda em Educação Física pela UFC. PID/IEFES/UFC. dany_07lima@hotmail.com

***** Graduanda em Educação Física pela UFC. kassiamitalli@gmail.com

Body spetacle: a possibility to understand the corporeality

Abstract

This article is intended to display a dialog with the corporeality of the process of learning and training graduate students in Physical Education of the Federal University of Ceará (UFC), having as base assumption theoretical studies of the Phenomenology of Merleau-Ponty and this possibility dialog being built from the construction of a spectacle: The Body Spetacle. Initially, a brief introduction, we'll we will tread the path throughout the text. Next, based primarily on phenomenological studies of Merleau-Ponty, build the theoretical basis of the article. In the third step of The Body Spectacle talk, explaining about the creation process of its five editions, dialoguing with testimonials from students who have gone through this process. To collect these testimonials was made an exploratory qualitative research, inviting people who wanted to be part of the work to answer the following generative question: How the Body Spectacle contributed in their training as a teacher and their understanding of corporeality? The final text speaks with general statements about the Spetacle in accordance with the studies of corporeality and envisioning outcomes for training in Physical Education.

Keywords: Body. Learning. Physical Education.

Espectáculo cuerpo: una posibilidad para entender la corporeidad

Resumen

Este artículo pretende mostrar un diálogo de la corporalidad en el proceso de aprendizaje y formación de los estudiantes de graduación en Educación Física de la Universidad Federal de Ceará (UFC), teniendo como base los estudios teóricos de la Fenomenología de Merleau-Ponty y que la posibilidad de diálogo se construye a partir de la construcción de un espectáculo: El Espectáculo Cuerpo. Inicialmente, en una breve introducción, hablaremos del recorrido que realizaremos a lo largo del texto. A continuación, basado principalmente en estudios fenomenológicos de Merleau-Ponty, vamos a construir la base teórica del artículo. En el tercer paso hablaremos sobre El Espectáculo Cuerpo, explicando sobre el proceso de creación de sus cinco ediciones, dialogando con los testimonios de los alumnos que han pasado por ese proceso. Para recoger estos testimonios se hizo una investigación cualitativa exploratoria, invitando a las personas que querían hacer parte de la obra para responder a la siguiente pregunta generadora: ¿Cómo el Espectáculo Cuerpo ayudó en su formación como maestro(a) y en su comprensión de la Corporeidad? En el último tema dialogaremos con declaraciones generales sobre el Espectáculo Cuerpo en conformidad con los estudios de la corporeidad e imaginar desarrollos para la formación en Educación Física.

Palabras Clave: Cuerpo. Aprendizaje. Educación Física.

Considerações iniciais

A tradição cartesiana admitiu dois modos de existir: *res extensa* – o objeto; e a *res cogitans* – a consciência. Merleau-Ponty (1994) apontou um terceiro modo de existir: a experiência vivida, numa corporeidade que se revela como identidade e existencialidade humana.

O ser humano está corporalmente inserido no mundo, um mundo vivido, ou seja, nas suas relações com o outro, com a cultura e com a natureza que são mediadas primordialmente pelo corpo. Entretanto, como estamos demasiadamente marcados pela visão de que estamos/habitamos um corpo, ou ainda, de que temos um corpo, acabamos por pensar o corpo como materialidade e, tão somente, como uma dimensão física.

Assumimos o desafio de fazer com que futuros professores de Educação Física ampliem a visão de que **temos** um corpo, do corpo como morada do sujeito, como objeto ou instrumento, como se fosse algo que pudéssemos nos despir ou desvencilhar. Mas como fazer com que as pessoas aprendam que **são** corpo? Como possibilitar que futuros professores de Educação Física incorporem a corporeidade como uma maneira concreta, complexa e criativa? Como propiciar a compreensão da corporeidade além de uma dimensão conceitual e teórica? Estas três perguntas foram norteadoras da concepção e execução de uma proposta pedagógica na disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física, isto é, da criação do Espetáculo Corpo em 2012. Tal proposta, descrita neste artigo, parte da premissa de que aprendemos pela experimentação e que a aprendizagem estética pode gerar apreensão de conceitos inicialmente abstratos e teóricos, que ficariam no plano da racionalidade e do discurso.

O Espetáculo Corpo que foi criado no Instituto de Educação Física e Esporte (IEFES) na Universidade Federal do Ceará (UFC) surgiu também como proposta de encerrar as atividades do semestre com uma apresentação produzida coletivamente com os estudantes e voluntários, a partir de um tema gerador permeado pela temática Corpo, utilizando de diferentes linguagens e recursos midiáticos.

Num primeiro momento, apresentamos alguns aspectos da visão de corporeidade respaldando-se na fenomenologia de Merleau-Ponty (1994) e, num segundo momento, narramos as primeiras cinco edições do Espetáculo Corpo trazendo depoimentos de alguns participantes.

Corporeidade: pistas e desdobramentos

Quer se trate do corpo do outro
ou de meu próprio corpo,
não tenho outro meio de conhecer
o corpo humano senão vivê-lo
(Merleau-Ponty, 1994, p.269)

O fenomenólogo Merleau-Ponty (1908-1961) convidava-nos à compreensão do ser humano como unidade indivisível, do corpo como simultaneamente interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, natureza e cultura, como *corporeidade*. Contrapondo-se ao racionalismo intelectualista de Descartes e ao pensamento científico clássico que vê o corpo como objeto, o filósofo francês defendeu que pensar está necessariamente vinculado ao corpo e à percepção. O corpo aparece como nosso modo próprio de ser-no-mundo, como **corpo fenomenal**.

Em sua obra “Fenomenologia da Percepção” publicada pela primeira vez em 1945, Merleau-Ponty convidava-nos a um novo olhar, olhar este que visa superar a velha cisão entre mente e corpo. O corpo, sujeito da percepção, não é dual, fragmentado, bipartido. Para Merleau-Ponty (1994) existe uma consciência pré-reflexiva, chamada de consciência não-tética, tendo como base a percepção. Em seu novo modo de conceber o corpo, Merleau-Ponty (1994) destaca quatro aspectos:

1. O corpo-vivido ou corpo-próprio: o corpo, na experiência que temos dele, não pode ser de um objeto, porque o corpo é nosso modo próprio de ser-no-mundo, é por meio do corpo que tomamos consciência do mundo, consciência esta que só emerge como ato reflexivo a partir do que é percebido pelo corpo.

2. O corpo-movimento: Merleau-Ponty (1994) reconhece o corpo como lugar de um conhecimento originário do mundo e de si próprio, um saber sensível que antecede o conhecimento reflexivo, mas, ao mesmo tempo,

o possibilita. O movimento, portanto, é uma maneira de nos relacionarmos com as coisas e uma forma legítima de conhecê-las: uma cognição sensível.

3. O corpo como expressão: refere-se a capacidade expressiva do corpo, a qual transcende os mecanismos de sua fisiologia e revela a natureza social do ser. O corpo é, nesta perspectiva, sempre um espaço expressivo, portanto, os movimentos e gestos têm um poder de significação intrínseca. Cabe ressaltar que o expresso não existe separado da expressão, ou seja, o corpo não traduz uma significação, ele próprio a realiza. Segundo Merleau-Ponty (1994) o interior e exterior do corpo são inseparáveis, o mundo está inteiro dentro e fora de nós mesmos.

4. O corpo como obra de arte: por sua dupla potência perceptiva e expressiva, possibilita ao sujeito a vivência da experiência estética.

Esse corpo que é próprio, movimento, expressão e obra de arte **é percebido** nas relações do mundo vivido em/na corporeidade e se revela para nós antes de qualquer significado. O nosso significar não vem antes do nosso viver. Acontecemos na nossa existência. **Não nos definimos por explicações de causa e efeito e devemos estar no mundo na plenitude das nossas experiências vividas.** “A relação homem-mundo é central na Fenomenologia” (NÓBREGA, 2005, p. 59).

Concordamos com Merleau-Ponty (1994) quando este nos fala que essa relação homem-mundo é primordialmente corporal, de um corpo vivo, ativo, concreto, uno, que se lança ao mundo para dele sentir. É o ser que vive o mundo antes de significá-lo, o ser-no-mundo que é integração entre o inteligível e o sensível, entre o corpo abstrato e o corpo concreto, como unidade existencial que fala: “Eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 207-208). O ser-no-mundo de que nos fala a Fenomenologia e a corporeidade é descrito poeticamente por Gonçalves (2011, p. 103):

Ser-no-mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plas-

ticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação. Ser-no-mundo com um corpo significa ser vulnerável e estar condicionado às limitações que o corpo nos impõe pela sua fragilidade, por estar aberto a uma infinidade de coisas que ameaçam sua integridade. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento. Ser-no-mundo com o corpo significa movimento, busca e abertura de possibilidades, significa penetrar no mundo e, a todo momento, criar o novo. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva da temporalidade, que se concretiza, primeiramente, por um crescer de possibilidades, ao atuar no mundo, e, depois progressivamente, por uma consciência das limitações que o ciclo da nossa vida corporal nos impõe. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença constante da ameaça de seu perecimento pela doença e pela morte.

Como afirmou Greiner (2005, p. 131):

O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. O corpo não é o meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas.

Se o corpo não é um cárcere, mas o ser-em-si, os processos educacionais, ainda mais os que envolvem compreender o corpo, não podem limitar-se ao campo do pensar, é preciso promover meios de que os estudantes apreendam o ser corpo na interligação com o sentir e agir.

Espetáculo corpo como uma possibilidade

O Espetáculo Corpo traça o seu caminhar a partir de um sub tema elegido no encontro do grupo de estudantes voluntários da organização. O ponto de partida dos encontros são os questionamentos mais latentes que surgiram no decorrer do semestre, dentro das aulas da disciplina de Fundamentos Filosóficos da Educação Física. Todas as edições dos espetáculos têm algo em comum: o público entra vendado e é convidado a participar como espectador

atuante num palco fluido, com cenário digital e com a utilização de recursos diversos (objetos, instrumentos, etc).

Descrevemos a seguir cada um dos cinco espetáculos já realizados, integrando depoimentos de participantes. Tais depoimentos desdobram reflexões pertinentes à formação docente. Para identificar alguns aspectos que marcaram a formação dos estudantes de Educação Física que participaram das edições do Espetáculo Corpo, fizemos uma pesquisa qualitativa exploratória. Num primeiro momento, fizemos uma lista e elegemos 30 estudantes que participaram dos espetáculos, depois entramos em contato pela rede social facebook convidando a participar da pesquisa e, caso consentissem, responderiam a seguinte pergunta geradora: Como o Espetáculo Corpo contribuiu na sua formação como professor(a) e na sua compreensão sobre a Corporeidade?

Aceitaram colaborar estudantes de diferentes semestres e turnos. Onze participantes enviaram no prazo e seus depoimentos compõem a nossa reflexão. Optamos em identificá-los pelos nomes, ao invés de utilizar pseudônimos ou iniciais, valorizando a identidade e percurso formativo, porque são discentes que transcendem as obrigações curriculares e têm participado de diversas ações, usufruindo de uma formação que valoriza a autoria, a criatividade e o compartilhamento.

1º Espetáculo Corpo: o invisível na escola - Como aprendemos a ver o corpo? Corpo? Biológico? Cultural? Por dentro? Por fora? Temos ou somos um corpo? Se somos, como a escola nos reconhece? Como ela nos possibilita aprender? Como corpo todo, inteiro, movente? Por que muitas pessoas continuam aprender em carteiras e ficam sentadas por longo tempo apenas escrevendo e/ou lendo? Por que não dançamos o saber? Será que ele não teria mais sabor? Estas são algumas das provocações que guiaram a produção deste espetáculo realizado no dia 27 de setembro de 2012, interligando disciplinas curriculares e estudantes de diferentes semestres. O público imerso entrou vendado no espaço, ao retirar a venda estavam cobertos por 360 graus de cenário digital, experienciando outra relação como o próprio corpo e com o corpo do outro. O caminho para chegar ao Espetáculo iniciava com uma trilha sensorial organizada por dois

estudantes. Quando entravam na sala, os espectadores experimentavam ver o espetáculo com outros sentidos. Impossibilitados da visão, foram vivenciando a escuta atenta, o calor do corpo próximo ao seu, as vozes diferentes. Ao abrir os olhos, novas impressões sobre o espaço e o som. Uma imersão em reflexões sobre ser corpo. A primeira edição do espetáculo trouxe ao debate o fato do corpo ser visto de forma limitada na escola e os estudantes ficarem imobilizados em sua potencialidade criativa e gestual. Participaram também estudantes da disciplina optativa de “Corporeidade e Educação”.

Foi um destes estudantes que iniciou a performance da invisibilidade. Diante do público ele foi se enrolando completamente com uma fita gomada (fita crepe). Prendendo pés, pernas, tronco, cabelos e rosto. Somente quando uma das apresentações trazia a importância de deixar de ver o corpo como somente biológico que as fitas foram sendo arrancadas. O corpo precisava ser visto na escola, onde ainda se matriculam apenas as cabeças, como diria Freire (1989). Mas precisa ser matriculado por inteiro mesmo, senão continuaremos a propagar pesadelos como descreve Fernandez (1990). O autor relata o “horrorível sonho” da menina Maria Sol, uma aluna de 3ª série de uma escola municipal de Buenos Aires, que viu uns homens maus obrigarem todos os alunos a tomarem um líquido para diminuir suas estaturas, pois seus corpos eram grandes demais para entrar na sala de aula. Os corpos ficaram achatados, como os cadernos, e eram colocados uns em cima dos outros sobre a escrivaninha do professor. Mas suas cabeças não diminuía e tapavam umas às outras, não deixando ver quem era quem: todos eram “*corpos-cadernos achatados*”.



Figura 1 - Público entrando vendado, passando pela trilha sensorial
Fonte: Juliana Barros.



Figuras 2 e 3 - Cenário virtual: escola que privilegia cadernos e escrita. Ao corpo, o pouco tempo de liberdade.
Fonte: Arquivo. Juliana Barros.

Renê de Caldas Honorato, foi estudante da disciplina optativa de Corporeidade e Educação, em 2012/2 e participou da primeira e da segunda edição. Atualmente está no Mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) na área de Fisiologia. Para ele:

O espetáculo foi um momento de interação que proporcionou uma mescla de valores e atitudes individuais que coincidiram em uma expressão corporal coletiva, desencadeando uma percepção corporal de libertação. Liberdade esta que pode-se notar em relação as intervenções realizadas pelos componentes do espetáculo quanto pelos espectadores. O espetáculo me fez enxergar algumas possibilidades para estimular os alunos da pós-graduação a produzir e reinventar as atitudes do seu próprio corpo, dentro de algum âmbito social aplicável a sua realidade, além de estimular a criatividade e a expansão dos talentos desenvolvidos. A compreensão da corporeidade se torna bem mais fácil depois de participar do Espetáculo, pois a interação é presente em todos os sentidos corporais, as experiências são intensas, as emoções são reveladoras e as lembranças ficam fortes na memória

Axel Santiago, bailarino e estudante de Educação Física, respondeu:

O espetáculo contribuiu com novas percepções e possibilidades sobre o corpo. Como posso utilizá-lo, como posso relacioná-lo com o corpo do outro. E todas essas novas experiências geram

novas ideias para se trabalhar em aulas, contribuem para o exercício de ser professor. Assim, com todas as vivências e apresentações, a minha compreensão a respeito de corporeidade e muitos outros conceitos.

Fabrcio Leomar está atualmente como mestrando em Educação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), mas foi monitor das disciplinas de Fundamentos Filosóficos da Educação Física, de Fundamentos Sociológicos da Educação Física e de Ética e Profissionalidade no ano de 2012, além de ter sido estudante da disciplina optativa de Corporeidade e Educação, em 2012/2 e ter produzido seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o saber sensível no processo de ensino aprendizagem. Para ele:

A primeira edição do Espetáculo Corpo foi algo transformador para as pessoas como para o curso de Educação Física. Eu **não imaginava que poderia acontecer num curso de graduação em Educação Física** algo desse tipo. E acontecer com tanto significado e importância em cada uma das suas edições. Já tinha visto encontros, festivais e espetáculos de esportes, ginástica, dança, esporte adaptado, jogos e brincadeiras que vinham de disciplinas ditas mais práticas, mas um espetáculo montado a partir de disciplinas ditas teóricas foi algo realmente enriquecedor, tanto para quem participava da montagem como para quem participava se apresentando. O experimentar e o criar vão para além dessa dicotomia de disciplinas. Me lembro de como a ideia do Espetáculo causou estranhamento para muitas pessoas, até para mim. Algumas até achavam interessante, mas a maioria ficava naquele receio, naquele medo do novo, naquela dúvida se ia dar certo ou não. Mas deu. E deu porque todas essas pessoas antes de mais nada acreditaram em si, acreditaram que eram capazes e que naquele espaço não cabia julgamentos, decisões de certo ou errado, alto rendimento, a mais perfeita performance, mas apenas o ato de conviver vivendo em relações corporais, sendo corporeidade na vivência consigo e com o outro, na busca de aprendizados experienciais mais encarnados, afetivos, sensíveis e de valores humanos potencializados por ações descobridoras e criadoras. Eu me joguei, me amarrei, atuei e me senti leve, como nunca

pensei que ficaria sob as luzes dos holofotes de um “palco” e sob os olhares de uma plateia. Eu, um garoto tímido, calado, imóvel e vítima de preconceito durante todo o meu processo educacional básico poderia finalmente ser eu, poderia finalmente soltar a minha e o meu corpo. Assim o fiz. Participar da primeira edição do Espetáculo Corpo como organizador e atuante me fez repensar toda a minha formação, desde o ensino fundamental até ali meu ano final de graduação, já que formaria no começo de 2013. Me fez pensar que tal formação poderia ter sido diferente, que minha individualidade e meus gostos poderiam ter sido respeitados e potencializados para que eu pudesse criar, experienciar e aprender de forma mais leve e significativa.

2º Espetáculo Corpo: as marcas nos corpos que somos e os nossos nós - Na reta final do semestre letivo de 2012, que apenas terminaria em fevereiro de 2013¹ ficamos bastante angustiadas pelo visível cansaço e pela estranha exaustão que marcavam os corpos dos estudantes. Seriam decorrentes das noites sem dormir para terminar trabalhos e provas? Isso justificaria tamanha rigidez e, em alguns, uma gritante indignação? Lançamos estas perguntas em nossos diálogos nas salas de aula e também perguntamos a um grupo de estudantes que reunimos pela rede social *facebook*. Questionados se percebiam que as marcas pessoais foram invadindo o espaço institucionalizado e vice-versa, que as tristezas foram calando aqueles estudantes antes ativos e que os medos foram afastando a anterior facilidade de atenção durante as aulas, fizemos duas reuniões presenciais nas quais compartilhamos ideias para compor um espetáculo que os sensibilizasse e a outros estudantes a refletir sobre esta temática. Por que deixamos penetrar em nós tantas marcas negativas?

As marcas dos corpos que somos e os nossos nós foi o título escolhido para o 2º Espetáculo Corpo que reuniu estudantes do IEFES, vinculados às disciplinas ministradas por mim, Tatiana Passos Zylberberg: Fundamentos Filosóficos da Educação Física (1º Semestre), Fundamentos Sociológicos (2º Semestre), Ética e Profissionalidade (3º Semestre). Participaram também estudantes voluntários de outros semestres e convidados externos. Para

assistir ao espetáculo foi preciso vender os olhos e assim permanecer até que fosse autorizada a retirada da venda. No escuro, cada pessoa foi mergulhando nas marcas que carrega, pelo menos, foi convidada a pensar sobre as marcas e os nós. O Espetáculo aconteceu sem ensaio geral prévio, porque tudo foi produzido a partir das inquietudes comuns debatidas anteriormente. No cenário virtual as imagens convidaram o olhar a penetrar nos temas abordados. O público foi disposto nos 360 graus da sala onde se misturaram danças, performances, músicas, vozes, poemas, corpos. Editamos um vídeo-síntese dos registros do 2º Espetáculo Corpo, disponibilizado em <http://youtu.be/xZYwfUip6l8> fortalecendo o convite para que outras pessoas desejem encarar as próprias marcas e desfazer seus nós.

Antes do espetáculo começar, durante o tempo que o público permaneceu ainda sem ver, as pessoas ouviam aleatoriamente perguntas ao pé do ouvido: *quais são as marcas que você carrega? Quantas vezes você já correu pela grama molhada? Que lembranças guarda das noites de lua cheia?*

Depoimentos de estudantes que falam sobre essa experiência:

Na segunda edição do espetáculo, pude ajudar na produção e vi tanto encanto e surpresa ao fazê-lo. Pensar, produzir e atuar num só momento. Estava com muita vergonha para participar no palco, então fotografei, vi a expressão nas danças, a atuação, os diálogos marcados por profunda reflexão. (Kássia Mitalli)

Meu corpo estava carregado de marcas. Marcas essas que eu não via, nem sentia, elas não provocam dor, mas aprisionam, “moldam” o corpo como a sociedade estigmatiza como a família determina, como seus amigos acham que você deve ser, etc. Durante minha adolescência ouvi expressões que deixaram marcas e nós em mim... *existe modo certo de sentar, você é uma mulher, olha a postura! Porque não usa um vestido? Vai mesmo sair de casa vestida assim?* Eu lembro perfeitamente até hoje das músicas e daqueles gestos. Aprisionaram não meu corpo, mas meus olhos e minha atenção no espetáculo. A partir daquele momento eu aprendi o que era ser corpo. (Daniela Lima)

O primeiro espetáculo que participei foi *Quais são seus nós?* Fui convidada por uma amiga que havia sido convidada pela professora, me entusiasmei pelo fato de ser tudo montado e apresentado no mesmo dia. Durante a organização dos materiais, dos estudantes, das cenas, fui entendendo e observando melhor essa proposta. O que mais me recordo daquele dia foram as apresentações de dois amigos, uma que falava sobre os gêneros e o outro sobre o corpo e sua relação com o social, mas principalmente, a apresentação inicial em que todos estavam amarrados. Alguém gritou após ouvir várias vozes incessantes dizendo ao mesmo tempo *Quais são seus nós? Que marcas você traz?* (Klertianny Teixeira)



Figura 4 - Estudantes preparando o figurino com cordas.
Fonte: Arquivos IEFES/LÉPSER.



Figura 5 - Performance de Emanuel sobre gênero. Público imerso no cenário virtual.
Fonte: Arquivos IEFES/LÉPSER.

3º Espetáculo Corpo: Quem sou eu? Quem é você? Quem somos nós? - A terceira edição tomou como eixo norteador a construção da identidade individual e coletiva (vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1s800FErEI>). Antes de vender os olhos para entrar na sala onde aconteceria o Espetáculo, o pú-

blico foi convidado a responder num pequeno pedaço de papel a pergunta: quem é você? A medida que já estavam vendados, eram conduzidos para a sala e instruídos a conversar com quem estava sentado ao lado, havia uma orientação clara: era proibido falar o nome, apresentar-se. As pessoas podiam inclusive se tocar, mas não podiam relevar suas identidades. Ao ouvirem um som alto e crescente, poderiam tirar as vendas. No centro da sala um grupo de pessoas repetia em múltiplas vozes: Quem sou eu? Quem é você? Quem somos nós? Estas três perguntas, de forma enfática, iniciaram e terminaram a apresentação.

Este espetáculo foi o primeiro realizado no turno na noite e criou uma situação pedagógica relevante. No período da manhã todos os voluntários se reuniram e definiram o roteiro. Foram definidas as apresentações, incorporada a sugestão de utilizar instrumentos musicais para diluir a mudança do som. No período da tarde, fizemos os ensaios e de noite, apresentamos ao vivo. Foram utilizados três projetores multimídia mantendo o cenário virtual sempre interligado a apresentação. Em alguns momentos o elenco estava no meio da sala, sentados, em pé, diferentes posições, com espelhos nas mãos, retomando ao público a pergunta: quem é você? Numa das cenas, com cabides e roupas, Fabricio Leomar mudava de figurino. Enquanto isso, algumas pessoas no meio do público começam a gritar suas opiniões, sobre o figurino: feio, belo, estranho, cafona, etc. Para o estudante este foi um momento em que se ele se sentiu realizado, pois teve enfim uma chance de externalizar os preconceitos sofridos pelo seu modo de ser e pelo modo de ser de alguns amigos e amigas que eram julgados principalmente pela roupa que vestia.

Depoimentos de estudantes que falam sobre essa experiência:

O segundo espetáculo que participei foi "*Quem é você? Quem somos nós?*" Fui convidada pela professora, já que havia participado de outro Espetáculo anteriormente. Nesse ajudei em mais cenas e pude fazer uma falando sobre o meu nome em um diálogo com uma amiga. Gostei muito pois pude falar sobre o que é ser KLERTIANNY, o que era carregar comigo uma identidade tão singu-

lar. Recordo-me da entrada das pessoas na sala e a nossa primeira cena que era perguntar no ouvido de cada um: *Quem é você?*, parecia que ecoava dentro do outro ao ponto de reverberar dentro de nós mesmo. O espetáculo além da comunhão de corpos, foi uma celebração do conhecimento do corpo (do meu corpo, do corpo do outro e do corpo que queremos), já que estamos ligados nesse mundo pela ação e interação deste corpo, nós nos corporificamos, vamos descobrindo o valor de ser quem somos, e vendo que somos possíveis. (Klertianny Teixeira)

Yuri Dunga, outro estudante dedicado também a capoeira, participou tocando berimbau, dentre outras atuações. Para ele o espetáculo demonstra que:

Em um dia conseguimos, com nossas habilidades, montar um espetáculo em volta de um tema pertinente, em se tratando de corporeidade, e com conteúdo, valorizando cada nova ideia, cada habilidade desenvolvida por cada um de nós. Vi no espetáculo a oportunidade viva de criação coletiva com qualidade. O espetáculo nos faz enxergar as amarras, deixando espaço para nos libertarmos de paradigmas, de pré-conceitos e preconceitos. A mudança talvez não seja de um dia para o outro, mas o primeiro passo, creio eu, é a conscientização de como estamos.

Erenildo Souza tem deficiência visual, é atleta de atletismo e estudante de Educação Física. Para ele:

O espetáculo o corpo, fez-me ampliar minha percepção corporal e aprender que o corpo pode ser explorado de diversas maneiras que não seja somente a física. Acredito que para a formação de um professor é preciso estar em constante aprendizagem, então, quanto mais experiências e conhecimentos compartilhados com outras pessoas torna-se melhor o desenvolvimento profissional e principalmente pessoal do mesmo. Foi uma das importantes lições que aprendi com a participação no espetáculo o corpo. A interação, a criação, o envolvimento, o compromisso de pessoas que muitas vezes nem se conhecem, mas que fazem com que o espetáculo seja um sucesso.



Figura 6 - Entrada do público.

Fonte: Arquivos IEFES/LÉPSER.



Figura 7 - Performance de Fabrício Leomar.

Fonte: Arquivos IEFES/LÉPSER.

4º Espetáculo Corpo: Possibilidades - Esta foi a única edição que aconteceu fora do espaço do IEFES, no dia 05 de novembro de 2013, no hall da Pró-Reitoria de Graduação, inserido na programação do II Colóquio Corpo-de-Possibilidades. Após um dia de intensas atividades em oficinas e uma manhã de reuniões com ensaios, o quarto espetáculo teve exibição única e ao vivo. Toda produção foi compartilhada com os integrantes e criada com o apoio das pessoas que ministraram as oficinas durante o dia do Colóquio. O espetáculo contou a participação especial do Prof. Alexandre Ferreira, coordenador do Curso de Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), um dos destaques do evento. Bailarino, dançou no Balé do Estado de Goiás, integrou a Cia. Domínio Público, de Campinas (SP), e foi coreógrafo e diretor das companhias Masculino na Dança e Seis+1. Segundo Alexandre, esta experiência possibilita a "articulação da técnica com a poética, permitindo que o corpo seja expandido para a dimensão além do físico e atingindo os outros lugares de permuta, de troca, tais como o próprio espaço cênico

e o espectador, formando uma junção espaço-temporal própria nos seus aspectos sensório-motores.”



Figura 8 - Apresentação com cenário virtual.
Fonte: Arquivos IEFES/LÉPSER.



Figura 9 - Imagens que se imprimem no corpo.
Fonte: Arquivos IEFES/LÉPSER.

No quarto espetáculo, que aconteceu fora do IEFES, no hall da Pró-Reitoria de Graduação (campus do Pici), desta vez cai no palco para atuação. O tema era ‘possibilidades do corpo’. Uma das apresentações que participei fazia o convite: o que é possível fazer com o corpo? Tínhamos que responder em movimento, interagindo de forma autoral e espontânea com uma diversidade de objetos espalhadas pelo chão. Sambar com sapatilha de ballet, jogar tênis andando de skate e outras tantas expressões. Corpos maleáveis esperando o toque, lembro-me das danças, a confiança, a proximidade, o público, a espera. (Kássia Mitalli)

Para o estudante de bacharelado, Yuri Dourado, que participou da 4ª edição do Espetáculo Possibilidades:

O Espetáculo o Corpo foi uma coisa única na minha vida. É algo que passou por mim e me dei-

xou marcas de aprendizagem e conhecimento. Dancei, interpretei, vivi de formas totalmente diferentes de tudo que já tinha feito. Desde a montagem, bastidores até o momento final o espetáculo é feito da essência de cada pessoa, transformando o conjunto da apresentação algo tão especial quanto é.

5º Espetáculo Corpo: O extraordinário em nós - Este espetáculo ocorreu no dia 18 de Junho de 2014, contando com a participação de discentes de vários semestres, docentes e convidados. O tema que mais mexeu com os alunos durante o semestre foi o vídeo sobre “O que pode um corpo” do Café Filosófico com Viviane Mosé e Dani Lima. Isso ecoava entre os alunos em seus textos em sua forma de falar e agir. Resolvemos que o quinto espetáculo falaria do extraordinário por tratar-se das possibilidades desse corpo, principalmente, quando falamos de Educação. Iniciamos as atividades de organização do espetáculo pensando juntos sobre o tema, sobre o que poderíamos passar para aqueles que vinham nos assistir. A partir disso, estruturamos equipes de tarefas, uns para o som, áudio e vídeo; outros para ornamentação da sala; outros para construção das cenas e participação. Assim, fomos dando CORPO ao espetáculo. Sempre abertura é um momento de reflexão de olhos vendados, enquanto as pessoas vão sendo colocadas na sala. As perguntas que fazíamos aos que entravam na sala era “O que há de extraordinário em você? O que há de extraordinário em nós?”, até que pudessem retirar suas vendas. Daí começamos a primeira cena, posso nomeá-la de “O corpo pode”, pois todos fazíamos coisas simples como dançar, correr, rir, olhar enquanto no centro da sala um corpo sendo acariciado por uma mãe, a responsável por dar à luz a um corpo e sentir dentro de si todas essas mudanças. Assistimos também, um duo contemporâneo representando a relação a dois; o Judô Tango; o Judô para cadeirantes; um repente de berimbau com demonstração de capoeira e por fim, o fechamento com objetos que mostravam as possibilidades do corpo através daquilo que fazíamos como jogar bola, tocar um instrumento, dançar, simplesmente viver.

O espetáculo integrou várias linguagens como poesia, dança, capoeira, judô, judô com tango, performance acrobática e encenação. As apresentações foram realiza-

das numa imersão de cenário virtual projetado no ambiente escuro. Conceber o “extraordinário” é refletir sobre as potencialidades do corpo, nas articulações cotidianas, nas inúmeras aprendizagens e no que podemos descobrir em nós.



Figuras 10 e 11 - O que há de extraordinário em nós?
Fonte: Arquivos LEPSER. Tatiana Zylberg

No quinto espetáculo “O extraordinário em nós”, KlerTianny afirma poder falar com mais propriedade, pois participou de sua concepção como monitora da disciplina de Fundamentos Filosóficos. Ela relata:

Neste dia, tive a vontade de fazer com que alguns de meus alunos tivessem a oportunidade de participar de um evento como esse tanto por estar com novas pessoas, poder experimentar outras linguagens artísticas e se aproximar desse processo de criação. Já que estava buscando ampliar a forma de ver o mundo deles. Consegui que duas meninas participassem, elas ajudaram em todo o processo desde a organização como também a participação numa cena. Isso contribuiu para que eu olhasse tanto para mim como professora e aluna como para as minhas alunas. O momento de estranhamento e incer-

teza logo chegaram quando iniciamos a conversa em roda para propor ideias. No decorrer da montagem fui explicando o que tinha pensado e se quisessem dar opiniões o fizessem pois assim ajudariam. Posso dizer que a participação delas nesse evento, marcou-as pois daquele dia em diante senti uma grande abertura delas tanto para mim como para as atividades que venho desenvolvendo na comunidade delas.

A estudante Daniela Lima defende que:

O espetáculo também anarquiza as formas de ser corpo. Não tem o não pode fazer o que não deve fazer, e sim como podemos fazer. Não precisa ser perfeito, correto, igual, sem erros, as apresentações apenas mostram quem você é, ou melhor, o que seu corpo pode ser. Ajudou-me a quebrar as formas das coisas, a colocar uma “boa desordem” na possibilidade do fazer me sentir capaz. A participação no espetáculo foi um passo importante para isso.

Desvelando a compreensão: uma possibilidade, muitos desdobramentos

A partir dos depoimentos podemos desvelar temas que compõe uma grande teia de conhecimento em torno deste espetáculo. A estudante de licenciatura, Juliana Barros, afirmou:

Para mim as experiências nos espetáculos foram bem significativas e transformadoras... elas tiveram um impacto relevante na minha evolução pessoal. Primeiro participei fotografando, captando as imagens e vendo tudo pelas lentes da câmera. Amo fotografia e capturar imagens belas foram fáceis e apaixonantes, afinal cada participação era de grande estesia e afetação. Também produzi vídeos de diferentes movimentos do corpo para os cenários virtuais. E aí consegui visualizar também através de lentes a quantidade infinita de possibilidades para o mover do corpo. Depois passei a participar no palco. Não quis ficar apenas atrás das lentes, queria ser foco do click, o corpo em movimento e, com o coração acelerado, entrei em cena e me senti realizada. Uma revolução!! Logo eu que sempre me escondi atrás das câmeras. Isso refletiu em muito na minha profissão porque vivi experiências, das mais diversas. Vi pessoas, das mais diversas, entrarem

em cena e mostrar que é possível. E é isso que pretendo com meus alunos. Mostrar a eles que é possível. Que o corpo possibilita mudanças, remudações, encontros, descobertas, aprendizado significativo e de formação.

A estudante Kássia Mitalli diz ter percebido que podia estar no palco com liberdade e prazer. Para ela, esta é uma experiência que fortalece a “aprendizagem pela experimentação” e questiona “Se é assim com o basquete, o futebol, porque não com a filosofia?” Para a estudante e monitora é possível aprender através das experiências do corpo. Para ela tem sido assim desde sempre... quem não lembra das brincadeiras de infância?! Kássia nos questiona se lembramos mais daquelas brincadeiras que participamos ou das que teve apenas vontade de participar, mas por vergonha ou preconceito ficou apenas na plateia a observar. Para a futura professora é preciso experimentar e está compreensão foi fortalecida pela experiência vivida na participação dos espetáculos.

O espetáculo corpo para mim é uma forma de aprendizado pela experimentação. Lembro-me da minha primeira participação como espectadora, vendada fui conduzida até o meu ‘assento’, ao lugar escolhido a sorte para mim, no chão da sala de dança. O palco estava no centro, descobriria mais tarde, que ganhei um lugar com visão privilegiada. No início, nos primeiros instantes, escutava ao pé do ouvido perguntas reflexivas, balbuciei uma resposta alto e percebi que o autor da pergunta não ficava para ouvir a resposta, quem era eu, quais as minhas marcas... Os corpos dançavam sem forma, enquanto por entre seus corpos passavam letrinhas... textos, música, performance, todas as formas de expressão juntas. (Kássia Mitalli)

Daniela Lima, também monitora de Fundamentos Filosóficos, sintetizou aspectos centrais de sua participação nos espetáculos. Segundo ela, o espetáculo o CORPO é uma “experiência a parte”. “O que o espetáculo contribuiu na minha visão de corpo? Apresentações de dança, performances corporais, precisam sacrificar o corpo? A dor necessariamente precisa fazer parte? Existe jeito certo de dançar?”

Fidel Machado participou do espetáculo quando era estudante do IEFES e depois de formado, mesmo já cursan-

do Mestrado em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Segundo ele:

(O próprio nome do espetáculo já soa, a minha pessoa, como algo impactante pelo fato dele ser polissêmico e polimórfico: espetáculo corpo, corpo espetáculo, corpo em espetáculo ou, simplesmente o espetáculo do corpo. São muitas formas de analisar e refletir sobre os sentidos evocados pelo nome. E, se pensarmos criteriosamente, veremos que é exatamente isso que a proposta pretende apresentar, as imanências e os saberes latentes nesses/desses corpos. Empoderamento, essa palavra resume o intuito de fazer do aluno, historicamente passivo no mundo do aprendizado, protagonista em ação, ativo, expansivo e presente... Fazer vida, mostrar vida, fazer saber e apresentar saberes... provar para o aluno que ele é capaz de participar de todos os processos de construção e, principalmente encenar, sendo, portanto membro efetivo de algo grande. Improviso. Imprevisibilidade. Audácia e ação. É essa a importância do evento... trazer para o centro quem estava a margem, empoderar os ‘desprovidos’.

José Olímpio Ferreira Neto, estudante do Curso de Educação Física (noturno) e que já é formado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, afirmou:

O Espetáculo Corpo é elaborado de forma colaborativa, onde todos participam doando o que podem sem exigências, apenas boa vontade no trabalho em coletivo. Essa é uma forma de sociopoética, uma construção coletiva, sem imposições e levando em consideração o conhecimento que cada um carrega. Vivemos em um modelo de escola falido, numa sociedade com traços escravocrata, onde o professor mais se assemelha a um feitor, a escola um engenho e as salas de aulas senzalas. Impomos o conteúdo do colonizador sem refletirmos sobre sua importância e aplicabilidade para comunidade, sem levar em conta os saberes e conhecimentos que seus integrantes possuem. A maneira que se trabalha o espetáculo rompe com esse olhar colonial, os momentos pré-espetáculo, espetáculo e pós-espetáculos, são vividos de forma harmoniosa, mesmo sem todos se conhecerem. Despertar ou aguçar a sensibilidade para o outro é algo de positivo que fica para as pessoas

que participam como artistas ou espectadores. A corporeidade está para além da forma física, compreende dimensões que muitas vezes são desprezados por conta de uma tradição cartesiana que fragmenta o entendimento dos fenômenos humanos. A divisão que era para trazer maior compreensão foi tomando dimensões de isolamento, muitas ficam ilhados em suas ideias por conta dessa divisão de áreas dos saberes e, ainda, por conta dessa divisão entre corpo e espírito. O corpo é muito mais que os limites físicos, está para além do indivíduo se manifesta nas relações entre os corpos, cada um se estende até o outro criando elos intangíveis, mas visíveis aos olhos do pensamento.

Para Fabrício Leomar, apaixonado por fotografia e cinema e que participou de quase todas as edições do Espetáculo, estando de fora apenas da quarta:

O legal do Espetáculo é também a parte dos registros audiovisuais. Quando fui monitor das disciplinas da professora Tatiana Zylberberg pude aprender esta estranha prática de registrar os momentos das aulas, fosse em fotografia ou em vídeo. No começo eu achei esquisito uma professora me pedir para fotografar e filmar suas aulas, o que os alunos produziam, as falas e etc. Ficava me perguntando para que serviria isso. E lá se vai nossa crença de algo só deva ser feito se for pra ter alguma serventia. Naquela ocasião eu pensava assim. Hoje revendo esses registros vejo as possibilidades de serventia. Serve como uma forma de rever e refletir sobre o processo, serve como possibilidade de (re)aprendizagem, serve como lembrança do que foi feito, serve como exemplo para mostrar para outras pessoas, serve como registro de parte da minha história de vida e da dos outros estudantes, serve como arte, serve como conteúdo, serve como vida que foi vivida e que merece ser lembrada, revista, enaltecida e agraciada, não só a minha como a de todos nós. O quinto espetáculo foi o único que não participei atuando, dessa vez queria fazer parte registrando os momentos pelo meu olhar através da lente e foi outra experiência incrível. Isso é muito bacana do espetáculo também: as diversas funções que você pode assumir, além do desejo de, mesmo longe, querer participar e ajudar a construir esse espaço formativo de aprendizagem.

Que contribuições a proposta do Espetáculo desperta?

Para alguns participantes do Espetáculo Corpo faz colocar em questionamento os aspectos relacionados ao medo de tentar algo novo, faz sair da zona de conforto na aprendizagem; outros repensam as marcas invisíveis que soam como barreiras que os impedem de fazer, construir, refletir, pensar e principalmente, agir. Das vozes destes estudantes ecoa um grito de libertação de tudo aquilo que ainda nos aprisiona numa aprendizagem sem corpo, sem autoria, sem interação.

Ao experienciarem o palco da forma pedagógica e fluida que sustenta a proposta do Espetáculo, muitos estudantes (futuros professores) passam a certificar-se de que são capazes de muito mais do que acreditavam. Daniela falou de ter identificado e buscado romper as marcas silenciosas. Klertianny defende a libertação do extraordinário no corpo, reflete como o seu nome releva dimensões profundas sobre a própria identidade e formação. Juliana Barros vivencia várias perspectivas, mas se encontra extasiada ao entrar em cena. Erenildo amplia o conhecimento do corpo dele e dos outros, participa de uma ação formativa inclusiva na qual sua outra forma de ver, amplia o olhar de quem o conhece. Yuri Dourado, fala das marcas positivas da aprendizagem e compreende que devemos transmutar o julgamento que limita e estigmatiza. Yuri Dunga problematiza a importância de enxergar as amarras, para promover a conscientização. Renê ressalta como a interação e a liberdade corporal contribuíram em sua formação. Axel reconhece que as possibilidades do corpo são múltiplas, segue também como professor de dança, dando espaço para a expressão individual. Fidel Machado pontua a relevância dos saberes do corpo e como o Espetáculo cumpre um papel de empoderamento. Olímpio retoma a crítica a divisão corpo x espírito e a educação colonial, clamando por mais experiências que promovam a sensibilidade. Fabrício mostra a possibilidade de sermos múltiplos dentro das experiências e da relevância de se registrar em audiovisual o processo de aprendizagem.

O Espetáculo Corpo propicia interação e trabalho coletivo. Expande a criatividade, oportuniza que algumas pes-

soas experimentem o “palco” pela primeira vez. Como praticamente não há ensaio geral, apenas marcação do roteiro, os estudantes vivenciam o improviso. Além disso, muitos estudantes colaboram com a produção dos cenários virtuais e descobrem outras maneiras de se apropriarem das tecnologias.

Concordamos com Freire (1991, p. 147) quando defende que devemos recusar a ideia de admitir que o corpo é somente aquele que serve a mente superior, apenas o veículo ou instrumento, “a mente de tal forma se agarrou ao corpo para estar neste mundo que nunca se poderá vê-la fora do corpo”. Devemos percorrer o nosso olhar para uma corporeidade socializada, sem o intuito de procurar definir a corporeidade como um conceito racional, científico, acadêmico. A corporeidade não se basta em teorias, argumentações ou possíveis conceitos. Como nos diz Nóbrega (2010, p. 37):

Uma teoria da corporeidade parece, em princípio, contraditória, pois, a corporeidade está envolvida com a dimensão sensível do mundo vivido¹, na qual as funções corporais ocorrem sem precisar necessariamente de teorizações.

Para Moreira (2012, p. 37) devemos estar:

cientes de que corporeidade não é objeto científico da Educação Física, como aliás não será objeto científico de nenhuma área de conhecimento em particular. Corporeidade é sim uma atitude que deve nortear os profissionais pesquisadores que trabalham com o corpo, com o movimento, com o esporte, tanto no sentido coletivo quanto no individual.

Uma corporeidade com o compromisso na existência, no (com)viver, em atitude ética, cultural, social, histórica, política, humana e afetiva diante das vidas, insurgindo como um resgate, um ressuscitar vital para a espécie humana, com a ideia de que somos íntegros em mente e corpo. Como nós diz Merleau-Ponty (1994, p. 142) “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comu-

nicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” e “[...] todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência de movimento” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 159).

Para Berti (2011, p. 105) a corporeidade surge como “ponto de conexão para se problematizar os conceitos dualistas que insistem em ‘ditar as regras’ no cenário educacional, separando o eu e o mundo, o eu e os outros, o eu e o corpo”. Moreira et al. (2006) nos dizem que corporeidade e vida se confundem harmoniosamente a partir do momento em que estão imbricadas no ser que existe, nas relações que ele estabelece com a sociedade, no seu modo de agir e pela vontade de aprender novas formas de ver o mundo. A vida pela corporeidade permite outros olhares para as relações que estabelecemos conosco, com o outro e com a natureza.

A corporeidade deveria dar-nos uma ideia que reunisse a ação de cultivar e a de cultivar. Assim, pode-se dizer que a corporeidade é culto e cultivo do corpo. Não pode ser só cultivo porque pode dar a impressão do plantio de árvores, flores ou cereais, uma ação muito manual, mecânica, que acontece de forma externa. Não pode ser só culto porque pode significar que a corporeidade seja algo pronto, acabado e completo, que precisa ser venerado e contemplado. A corporeidade precisa ter a dignidade da ação sagrada e festiva e, ao mesmo tempo, a cotidianidade do esforço e do trabalho criativo (SANTIN, 2010, p. 67).

Tal qual afirma Le Breton (2011) entendemos que o corpo *é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída*. O corpo, fator de individualização, é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico. O corpo é a fonte mais fecunda das nossas ocorrências. Por sermos corpo que vivemos uma inteligência encarnada, uma liberdade encarnada (MARINA, 1995). Portanto, temos que ampliar as oportunidades de compreensão e vivência da corporeidade. O Espetáculo Corpo é uma possibilidade.

Notas

1 A expressão mundo vivido é uma tentativa de tradução da expressão alemã *Lebenswelt*, tema primeiro da Fenomenologia, que diz respeito ao mundo pré-reflexivo. O *Lebenswelt* ganha força com o entendimento sobre a questão da verdade, a partir da obra de Husserl – *Investigações Lógicas*. Nesta, a verdade não pode ser definida como adequação do pensamento ao objeto, não sendo definida a priori pelo sujeito e nem contemplada na pura exterioridade do objeto. A verdade é definida na evidência da experiência vivida. O vivido não é um sentimento, mas refere-se à percepção como modo original da consciência. “A verdade define-se no devir, como revisão, correção e ultrapassagem de si mesma, efetuando-se tal operação dialética sempre no presente vivo” (LYOTARD, 1986, p. 41) – Nota da Autora.

Tatiana Passos Zylberberg Doutora em Educação Física/UNICAMP. Docente do Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará. LEPSER – Laboratório de Estudos das Possibilidades de Ser - tatianapassoszylberberg@gmail.com

Fabrício Leomar Lima Bezerra Licenciado em Educação Física pela UFC. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Núcleo de Estudos e Pesquisa em Corporeidade e Pedagogia do Movimento (NUCORPO) fabricao_leomar@hotmail.com

Klertianny Teixeira do Carmo Licenciada em Educação Física pela UFC. Bolsista PID/IEFES/UFC. klertianny@gmail.com

Alexandra Régia Nobre Monteiro Nunes Licenciada em Educação Física pela UFC. Bolsista PID/IEFES/UFC. alexandraufc@gmail.com

Daniela Lima Chagas Graduanda em Educação Física pela UFC. Bolsista PID/IEFES/UFC. dany_07lima@hotmail.com

Kássia Mitally da Costa Carvalho Graduanda em Educação Física pela UFC. Bolsista PID/IEFES/UFC. kassiamitalli@gmail.com

Referências

BENTO, Jorge Olimpio; MOREIRA, Wagner Wey. **Homo sportivus**: o humano no homem. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012.

BERTI, A. O. A corporeidade tênue e intensa no cotidiano escolar. **Revista Filosofia e Educação**, v. 3, n. 1, p. 104-121, 2011. Disponível em <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/viewFile/2366/2519>>. Acesso em: 12 de mai. 2013.

BEZERRA, F. L. L. **O ensino e a aprendizagem do sensível na licenciatura em Educação física**: os indícios de uma formação estética. Trabalho de Conclusão de Curso. 2013. 94f. (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro**: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo, SP: Scipione, 1989.

_____. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. 15.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

JAQUET, C. **A unidade do corpo e da mente**: afetos, ações e paixões em Espinosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARINA, J. A. **Teoria da inteligência criadora**. Lisboa: Caminho, 1995.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, W.W. Formação profissional na área da Educação Física: o fenômeno corporeidade como eixo balizador. In: PACHECO NETO, M. **Educação Física, Corporeidade e Saúde**. Dourados, MS: Ed. UFED, 2012.

MOREIRA, W.W. et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 137-154.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e educação Física**: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. Natal, RN: EDUFRRN, 2005.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo, SP: Livraria da Física, 2010.

REIS, A. C. dos. A Subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Revista Vivência**, n. 37, p. 37-48, 2011. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/02_Alice%20Casanova%20dos%20Reis.pdf>. Acesso em: 3 de set. 2014.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física e esporte**: perspectivas para o século XXI. 16.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010, p. 51-69.

ZYLBERBERG, Tatiana Passos. **Possibilidades corporais como expressão da inteligência humana no processo de ensino-aprendizagem**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: 2007.

Data de recebimento 05/07/2014

Data de aprovação 05/08/2014

Data de aprovação 29/08/2014

